



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura do 16º Salão Internacional do Transporte –  
Fenatran**

**São Paulo - SP, 14 de outubro de 2007**

Meus companheiros ministros Miguel Jorge, do Desenvolvimento,  
Indústria e Comércio Exterior; Luiz Marinho, da Previdência Social; Franklin  
Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Meu caro Waldir Agnello, presidente em exercício da Assembléia  
Legislativa de São Paulo,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputado Walter Ihoshi,

Senhor Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Senhor Luiz Carlos Bueno de Lima, secretário nacional de Transporte e  
da Mobilidade Urbana,

Senhor José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado Feira  
de Negócios,

Senhor Geraldo Vianna, presidente da NTC Logística,

Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,

Senhor Juan Pablo De Vera, presidente da Reed,

Senhor José Lopes Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

Senhoras e senhores expositores,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros e companheiras,

Eu ouvi atentamente o pronunciamento das pessoas que vieram a esta  
Feira da Fenatran e, nesses quase cinco anos de governo, eu já participei de



muitas feiras aqui, dos mais diferentes setores da atividade econômica, já ouvi muitos discursos, também já fiz muitos discursos, e hoje, mesmo que eu não falasse nada, nós notamos, nos discursos, que as coisas mudaram. E mudaram, não por que mudou o presidente. Mudaram porque o Brasil, definitivamente, está encontrando o seu caminho. Um caminho que, durante décadas e décadas, o Brasil deu sinais de que ia dar um salto de qualidade e esse salto de qualidade nunca era um salto. Era, quando muito, um pulinho em que o País voltava à normalidade da mediocridade um mês depois do anúncio dos grandes ou dos megas planos.

O que nós estamos colhendo hoje não é mérito do governo apenas. É mérito do governo, é mérito dos empresários, é mérito dos trabalhadores, é mérito de cada um dos 190 milhões de brasileiros, é mérito daqueles que escreveram favoravelmente na imprensa, como é mérito também daqueles que escreveram contra na imprensa. É essa diversidade de pensamento e de comportamento que constrói uma verdadeira democracia. O que nós estamos colhendo é resultado do que foi plantado em 2003. Em 2003, quem lida com economia neste País, quem lida com a indústria neste País, sabe que o arrocho que nós fizemos em 2003 não foi coisa pequena. Foi uma dose de morfina que quase exageramos, porque era a única possibilidade que nós tínhamos de recuperar um paciente que há mais de duas décadas e meia dava sinais de não ir para frente. Era preciso construir dentro deste País uma política econômica dura que não fosse nenhuma mágica, mas que fosse feita com a seriedade necessária para conquistar os espaços que nós conquistamos, a credibilidade interna e externa que nós conquistamos, e é exatamente por isso que hoje nós podemos começar a mudar o padrão de governabilidade deste País.

Não foi o pedágio, o pedágio é o resultado. Uma coisa é você fazer leilão quando o paciente está moribundo, quando o paciente está agozinante, em que os oportunistas, imaginando que não tem salvação, oferecem propostas



abusivas e quem está moribundo não tem direito de reagir. Desta vez os leilões foram feitos num país com economia totalmente estável, um país dando passos extraordinários para consolidar um novo ciclo de desenvolvimento que, se depender de mim, será longo. Então, o País pode precisar regras, que talvez em outros momentos não puderam colocar, pudemos abrir para a participação de empresas estrangeiras, até porque era importante para a gente nivelar a boa intenção dos participantes dos leilões. Cansei de ouvir críticas, cansei de ouvir gente dizer que não ia acontecer mais o leilão, cansei de ouvir gente dizer que não ia dar certo, cansei de ouvir gente dizer que tinha sido um fracasso e, por último, pessoas dizerem que não iam aparecer empresas para participar do leilão.

O que aconteceu, de fato, é que Miguel Jorge tinha vindo comigo de uma viagem ao exterior, onde fomos à Finlândia, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia, e depois fomos à Espanha fazer um trabalho sobre o PAC. Quando eu voltei, numa reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, eu chamava a atenção dos empresários que estavam presentes naquele evento, de que havia uma falta de sintonia entre o que eu ouvia no exterior sobre o Brasil e o que eu ouvia no Brasil, dos brasileiros. Havia uma falta de sintonia entre a crescente credibilidade, o crescente otimismo, os elogios mais eufóricos possíveis à economia brasileira, que a gente ouvia de todos os empresários, em todos os países em que nós fomos apresentar o PAC, apresentar o Programa do Etanol, apresentar o Programa do Biodiesel, porque um país que quer ocupar um espaço na geografia comercial do mundo não fica de braços cruzados sentado numa cadeira, esperando que os nossos competidores deixem que a gente ocupe esse espaço.

Hoje, num mundo globalizado, num mundo tecnologicamente competitivo, o Brasil não pode deixar um milímetro de espaço vazio, porque sempre haverá alguém para ocupar aquele espaço. É por isso que nós temos que andar, cada vez andar mais, e não apenas para os países ricos. Eu estarei



viajando daqui a pouco a Burkina Faso, que é o país mais pobre da África, a Angola, ao Congo e à África do Sul, para vender as coisas que o Brasil produz e para fazer parcerias com esses países, porque também não podemos ficar brigando apenas com os mercados já realizados, como o mercado europeu ou o mercado americano. Nós temos que procurar o mundo que está aí, à disposição de quem lhe oferecer os melhores produtos, com melhor qualidade e com melhor preço, e nisso o Brasil tem total condição de competir e vencer qualquer país que venha competir conosco.

Agora, para isso é preciso ter coragem, para isso é preciso colocar o pé na estrada, para isso é preciso viajar, para isso é preciso mostrar aquilo que nós produzimos, porque de vez em quando, lá fora, pensam que o Brasil é só carnaval, futebol e criança de rua. Não sabem que o Brasil tem uma indústria automobilística capaz de produzir obras como esses caminhões que nós vimos aqui hoje. Não sabem que nós temos uma Embraer, não sabem que nós temos empresas de ponta, que podem competir com qualquer outra. Porque, lamentavelmente, nós temos um agrupamento no Brasil que prefere fechar os olhos ao que está acontecendo no Brasil e ficar acendendo coisa negativa. Agora mesmo é se paga CPMF ou se não aprova a CPMF. Qualquer cidadão de bom senso sabe que neste País, desde que eu tomei posse, não se aumentou um único imposto, a não ser o IPI, sobre importação, a pedido dos empresários. A carga tributária cresce, sim, mas ela cresce, e os companheiros sabem, porque graças a Deus tem crescido de forma extraordinária o lucro das empresas brasileiras. Por isso o Feijóo está aqui fazendo discurso, e não houve um único protesto do Feijóo, nem tampouco o China hoje fez crítica, porque sabe que melhorou a coisa para ele.

Mas nós precisamos ter consciência de uma coisa. Tem que haver uma combinação perfeita entre aquilo que é intenção dos empresários, aquilo que é intenção do governo e dos trabalhadores, para que a gente possa construir definitivamente este País para se transformar numa grande nação, sendo uma



grande potência econômica. Eu estou convencido de que isso vai acontecer. Por isso, a indústria automobilística vai ser chamada para negociar outra vez, e nós não queremos ficar discutindo, porque desde 1975 eu convivo com a indústria automobilística. A indústria automobilística, vira e mexe os pátios estavam cheios de carro, vira e mexe, alguém dizia “ a indústria automobilística está enchendo os pátios de carros para o Lula fazer greve, para eles poderem conseguir o aumento que o governador quer”. Vivi isso durante todo o final da década de 70, e o Marinho e o Feijóo viveram toda a década de 80.

Hoje nós estamos vivendo que situação? Primeiro, a indústria automobilística brasileira tem que ter uma definição a partir das suas matrizes, de que o Brasil não pode ser tratado como um país secundário. Este País tem condições de produzir 5, 5 milhões e meio, 6 milhões de automóveis. Da parte do governo, nós vamos fazer, Schneider, o que estiver ao nosso alcance para que o Brasil possa se transformar num dos maiores países produtores de carro do mundo. Não tenha dúvida disso. Quando eu voltar da África, eu não posso nem falar em puxar a sua barba porque você não tem, mas a minha será colocada na mesa para que a gente construa essa nova indústria automobilística para servir de exemplo para o mundo e para o Brasil.

Ademais, é preciso combinar esse crescimento com política social. Ninguém, em sã consciência, dormia tranquilo, quando este País crescia, em 1973, a 14,3% ao mês e, lá fora, jovens abandonados, crianças passando fome, pessoas morrendo de fome. Nós não queremos repetir isso. Nós queremos que haja um crescimento da economia, crescimento do crédito, controle da inflação, crescimento da indústria, geração de empregos, mas também nós queremos estender a mão para aqueles que não tiveram oportunidade na década passada, para que eles venham junto e conquistem o início de uma cidadania. A partir dessa cidadania, ele vai se tornar um profissional e, tornando-se um profissional, vai fazer parte da sociedade que nós, juntos, estamos construindo.



É importante ficar muito claro. Nós temos três anos e dois meses de mandato, e eu dizia para vocês: não jogarei fora essa oportunidade. Farei o sacrifício que tiver que fazer, mas vamos transformar este País numa nação respeitada lá fora e respeitada aqui dentro, uma nação que possa garantir que todos nós... eu sei que o povo não vai vir aqui, mas eu acho que tem muitos presidentes no mundo, não é que tenham inveja do Brasil, mas que, no fundo, no fundo, desejariam ser presidente do Brasil, porque lá pode ter um país que tenha mais riquezas do que o nosso, pode ter um país que tenha não sei o quê mais do que o nosso, mas eu duvido que tenha um país que produza caminhões mais bonitos do que esses e de mais qualidade. Pode produzir igual, agora, por mais que ele produza um caminhão, não tem país que tenha o povo extraordinário que tem este País, e vocês, empresários, sabem que se tem uma vantagem comparativa no que eu estou falando, é a criatividade e a capacidade do trabalhador brasileiro, que é imbatível, e eu tenho ouvido isso de todas as empresas multinacionais atuantes no Brasil.

Quero dizer aos empresários e aos trabalhadores que está faltando cimento no País, está faltando vergalhão, está faltando pedreiro, está faltando engenheiro, está faltando geógrafo. Não sei se para o lado da imprensa está faltando jornalista, não sei. O dado concreto é que hoje nós estamos vendo o que aconteceu durante 26 anos neste País, em que a economia esteve atrofiada, em que a gente não formou sequer a quantidade dos profissionais que precisavam ser formados. Não tem navios hoje no mundo para transportar todas as cargas que precisam ser transportadas, e isso exige de nós muito mais competência do que nós tivemos até ontem.

O que eu queria desafiar vocês é que uma nação só cresce quando a gente acredita nela, só cresce quando a gente se levanta todo dia de manhã dizendo: eu vou fazer acontecer, eu vou fazer dar certo, eu vou comprar, eu vou vender. Se nós nos levantarmos todos os dias: “Ah, boa é a Alemanha, bons são os Estados Unidos”, sempre com inveja do que acontece nos outros



lugares e não projetarmos a nossa nação, nós vamos ficar um tempo mais sendo um país de economia eternamente emergente.

Eu já tenho 62 anos de idade, já aprendi muita coisa na vida e a coisa que eu aprendi, mais recente, depois de lançar o PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, eu me convenci de que nós encontramos o caminho e que esse caminho não tem retorno. A indústria automobilística aprendeu. Bastou aumentar um pouquinho o tempo que o cidadão pode ter para pagar um carro, que todo mundo quer ter carro. Tem três coisas que todo mundo quer: todo mundo quer ter uma casa própria, todo mundo quer ter uma namorada e todo mundo quer ter um carro. A casa, precisa-se de dinheiro, a namorada precisa ter charme, e o carro precisa ter dinheiro. Ora, deles, o carro é o mais barato, foi preciso apenas fazer com que a prestação coubesse dentro do holerite do cidadão que vive de salário.

Agora, a renovação dos caminhões. Senhores empresários, fabricantes de caminhões: ou nós pensamos num plano para renovar a frota de caminhões, e aí vocês podem até, num primeiro momento, deixar de se preocupar com o crescimento das exportações, porque o mercado interno vai absorver durante muito tempo a capacidade produtiva instalada neste País, ou nós pensamos em como fazer um caminhão que custa 350 mil reais, 400 mil reais, 200 mil reais... não é para qualquer um comprar, parece impossível. Mas primeiro, o cidadão tem um pequeno patrimônio que é o seu caminhão já usado e que ele pode dar de entrada. Vamos ver se a gente vai cuidar do desmanche desse caminhão. Segundo, se essa prestação couber dentro do ganho mensal dele, posso dizer a vocês, se eu bem conheço este País, que vocês vão ter uma surpresa extraordinária com a vontade que os caminhoneiros autônomos têm de trocar de caminhão. Aí sim, eu acho que nós poderemos, Schneider, introduzir não apenas a renovação da frota, mas começar a introduzir a renovação da frota de caminhão com a renovação de um combustível, um combustível menos poluente, mais gerador de empregos, mais



desenvolvimentista para as regiões mais pobres deste País. E o que é mais importante, nós vamos perceber que o Brasil não está precisando seguir os passos da matriz européia, de precisar ter o Euro-4, o Euro-5, ou o Euro-6. Como eles não criaram o biodiesel, como nós estamos criando, para cada Euro que eles criarem nós aumentamos 5% de biodiesel e vamos jogar menos CO2 na atmosfera do que eles jogam com esses instrumentos novos que aumentam o preço do carro e não resolvem o problema da poluição.

Quero terminar dizendo para vocês: nós vamos construir, estou convencido disso, a mais forte parceria que este País já viu entre governo, trabalhadores e empresários, porque o governo é passageiro, os empresários e os trabalhadores são praticamente infinitos. Se vocês estiverem bem e o governo for apenas o indutor dessa boa política, no fundo, no fundo, todos nós sairemos ganhando, e quem ganha mais é o Brasil.

Meus parabéns a todos que organizaram esta Feira, e quero dizer para vocês que saio daqui para viajar com o sentido duplamente honroso e orgulhoso de saber que eu presido um país que tem a competência de organizar uma feira como esta, com indústrias que têm competência de produzir máquinas como estas.

Muito obrigado, bons negócios e boa Feira para vocês.